



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 10, pp. 51079-51083, October, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23209.10.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

HISTORICIDADE DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CURSOS TÉCNICOS DE ENFERMAGEM

Natália Pereira Marinelli¹, Leonardo Raphael Santos Rodrigues², Maria da Cruz Oliveira Ferreira Moura³, Conceição de Maria Franco Sá Nascimento⁴, Kelyva Fernanda Almeida Lago Lopes⁵, Sabrina Moita Costa Mendes⁶, Lívia Maria Nunes de Almeida⁷, Rochelly Oliveira dos Santos⁸, Francisca Miriane de Araújo Batista⁹, Ana Patrícia de Carvalho Petillo Rodrigues¹ and Mário Lopes Amorim¹¹

¹Colégio Técnico de Teresina da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, Piauí, Brazil; ² Universidade estadual do Piauí (UESPI). Teresina, Piauí, Brazil; ³Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brazil; ⁴Colégio Técnico de Teresina da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, Piauí, Brasil; ⁵Universidade Federal do Piauí(UFPI). Teresina, Piauí, Brazil; ⁶Universidade Federal do Piauí(UFPI). Teresina, Piauí, Brazil; ⁷Universidade Federal do Piauí(UFPI). Floriano, Piauí, Brazil; ⁸ Fundação Municipal de Teresina. Teresina, Piauí, Brazil; ⁹Centro de Inteligência em Agravos Tropicais Emergentes e Negligenciado. Teresina, Piauí, Brazil; ¹⁰ Espaço Neurofuncional. Teresina, Piauí, Brazil; ¹¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Curitiba, Paraná, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 10th August, 2021

Received in revised form

06th September, 2021

Accepted 11th October, 2021

Published online 30th October, 2021

Key Words:

Técnicos de enfermagem;

História da enfermagem;

Pesquisa qualitativa.

*Corresponding author:

Natália Pereira Marinelli

ABSTRACT

Objetivo: Descrever as condições de trabalho nos cursos técnicos de enfermagem vinculados à Universidade Federal do Piauí no seu processo de criação. **Método:** Estudo descritivo com abordagem sócio-histórica de caráter qualitativo. O estudo realizou-se nos três Colégios Técnicos da Universidade Federal do Piauí. A coleta de dados ocorreu nos meses de maio de 2018 a agosto de 2019, por meio de entrevistas e pesquisa em fontes documentais primárias e secundárias. **Resultados:** Os colégios técnicos na ótica de alguns colaboradores, apresentavam estrutura satisfatória para a época, porém precária à vista de outros, entretanto isso não os desanimou. Nas escolas não existiam laboratórios apropriados, mas com o passar dos anos houve melhoria das estruturas físicas dos colégios. Em Teresina e em Bom Jesus, pelo fato de os cursos terem sido implementados mais recentemente, a estrutura de laboratório era satisfatória para o atendimento das demandas iniciais do curso, porém, com perspectivas de melhoria e ampliação dos espaços físicos e materiais, em especial dos próprios laboratórios. **Conclusão:** Os cursos técnicos de enfermagem da UFPI dispunham de estrutura física adequada, porém, contam atualmente com uma boa estrutura de laboratórios de enfermagem para que seja alinhado teoria e prática.

Copyright © 2021, Cristianne Confessor Castilho Lopes et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Natália Pereira Marinelli, Leonardo Raphael Santos Rodrigues, Maria da Cruz Oliveira Ferreira Moura, Conceição de Maria Franco Sá Nascimento, Kelyva Fernanda Almeida Lago Lopes, Sabrina Moita Costa Mendes, Lívia Maria Nunes de Almeida, Rochelly Oliveira dos Santos, Francisca Miriane de Araújo Batista, Ana Patrícia de Carvalho Petillo Rodrigues and Mário Lopes Amorim. "Historicidade das condições de trabalho dos cursos técnicos de enfermagem", *International Journal of Development Research*, 11, (10), 51079-51083.

INTRODUCTION

A história permite auxiliar a compreensão dos processos que levaram à situação presente, especialmente pela forma como as profissões vêm se construindo ao longo do tempo, bem como pela maneira como o conhecimento prático e teórico foram se aproximando. A relação entre o passado e o presente é feita na busca por conhecimento, de

modo a se indagar o passado em uma série de questões que são o "hoje". Esse "hoje", certamente, influenciará o futuro. Percebe-se que realizar a pesquisa histórica para compreender a construção da identidade é um desafio a ser enfrentado⁽¹⁻²⁾. O cenário de desenvolvimento do trabalho de enfermagem é complexo, pois o processo de formação em enfermagem requer um ambiente singular e, além da relação profissional docente-estudante, existe também o paciente. O professor da área de enfermagem desenvolve o processo

de ensino em sua totalidade, empregando-o aos alunos e também aos indivíduos, família e comunidade. Qualquer tipo de organização, para que funcione de maneira satisfatória, necessita de profissionais bem preparados e capacitados para os cargos que ocupam. Todavia, para que isso aconteça, é necessário que esses profissionais tenham acesso a uma infraestrutura adequada desde a implementação do curso, que lhes permita ser produtivos, proporcionando um ensino de qualidade⁽³⁻⁴⁾. O Colégio Técnico de Teresina (CTT), localizado na capital Teresina (PI), foi o primeiro colégio técnico instalado vinculado a uma Universidade Federal, porém o curso técnico de enfermagem surgiu posteriormente. O Colégio Técnico de Floriano (CTF) foi criado posteriormente, a partir da resolução nº 01/79 do Conselho Universitário da UFPI, iniciando suas atividades em 19 de março de 1979, em Floriano- Piauí. Em seguida, o Colégio Técnico de Bom Jesus surgiu por intermédio da Resolução nº 02/81 do Conselho Universitário da UFPI, iniciando suas atividades em 22 de março de 1982, situado na cidade de Bom Jesus – Piauí⁽⁵⁻⁷⁾. Na década de 80, foi implantado o primeiro curso técnico de enfermagem da UFPI, no Colégio Técnico de Floriano, em regime de externato, que funcionava de modo integral e tinha duração de três anos⁽⁷⁻⁸⁾. Apenas vinte e cinco anos depois, em 2006, o curso técnico em enfermagem do Colégio Técnico de Teresina foi criado, e, posteriormente, em 2010, criou-se o curso no Colégio Técnico de Bom Jesus. Não existem estudos científicos e pesquisas que abordem a trajetória histórica da dos cursos técnicos em enfermagem da Universidade Federal do Piauí, retratando as condições de trabalho e estrutura aos quais os pioneiros dispunham naquela época. Ainda, entender o passado torna-se útil para o reconhecimento das origens do curso e análise da situação presente. Ressalta-se que, para se analisar, questionar e interpretar a evolução histórica é necessário que se reflita sobre a produção de conhecimento relacionado à história e memória, nas suas mais diversas dimensões⁽⁹⁾. Conhecer as condições de trabalho ao qual os pioneiros dispunham nos primórdios do curso é de fundamental importância pois “o estudo da história é importante para descobrir caminhos percorridos pelas gerações passadas e entender as razões que motivaram a escolha de determinados percursos”, que podem ter reflexos em conjunturas presentes⁽¹⁰⁾. Para tanto, o registro sistematizado da história nas diversas faces e fases poderá ser um exercício de autoconhecimento com consequente esclarecimento da própria identidade⁽²⁾. Dessa forma, o objetivo do estudo é descrever as condições de trabalho nos cursos técnicos de enfermagem vinculados à Universidade Federal do Piauí, durante o seu processo de criação.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem sócio-histórica de caráter qualitativo. Para sua execução foram utilizados recursos fornecidos pela História oral temática empregando os conceitos na perspectiva de Meihy⁽¹¹⁾. Ainda, para a produção dos dados, fundamentou-se no método de história oral híbrida que, de acordo com Meihy e Ribeiro⁽¹²⁾, ressalta-se por “ir além do uso exclusivo das entrevistas, além das gravações, e por promover a mescla de análises derivadas das entrevistas cruzadas com outros documentos” (p. 16). A pesquisa realizou-se nos três Colégios Técnicos da Universidade Federal do Piauí: Colégio Técnico de Teresina – CTT, Colégio Técnico de Floriano – CTF e Colégio Técnico de Bom Jesus – CTBJ. A coleta de dados compreendeu as seguintes etapas: pesquisa em fontes documentais (livros-ata, portarias, resoluções, registros isolados, fotografias etc.), e entrevistas com colaboradores, nos meses de maio de 2018 a agosto de 2019. Inicialmente, foram realizadas as buscas de fontes documentais escritas que disponibilizaram informações pertinentes ao estudo, existentes na Universidade Federal do Piauí e nos três colégios técnicos, orientando assim o trabalho. A análise historiográfica foi realizada estabelecendo-se ordem cronológica nas fontes documentais, o que permitiu uma melhor visão e interpretação dos dados encontrados, constituindo uma ligação entre o período histórico estudado e seus vários contextos. Foram encontrados os seguintes documentos:

- Leis que regulamentaram o ensino técnico de enfermagem no Brasil;

- Projeto Político Pedagógico do curso Técnico de Enfermagem, elaborado pelos docentes das escolas.
- Histórico escolar das primeiras turmas das escolas vinculadas à UFPI.
- Plano de Curso dos cursos Técnicos de Enfermagem da UFPI.
- Publicações do Diário Oficial da União e Portarias com a autorização do funcionamento dos cursos.
- Resoluções do Conselho Universitário determinando a alterações dos nomes das escolas vinculadas à UFPI.
- Exemplares do jornal Diário do Povo, onde noticiava o edital do concurso público para professores efetivos do curso Técnico de Enfermagem da UFPI.
- Boletins de Serviço com Atos da Reitoria referente à constituição de comissões de seleção de professores para os cursos técnicos de enfermagem e nomeação dos professores aprovados.
- Ofícios e memorandos relacionados à criação dos cursos técnicos de enfermagem da UFPI.

Os colaboradores foram intencionalmente selecionados, por terem feito parte do processo de criação dos referidos cursos supracitados. Fizeram parte do estudo os primeiros coordenadores dos cursos técnicos de enfermagem, membros das comissões designadas para a criação dos cursos e para a elaboração do Projeto para sua criação, os primeiros docentes, os diretores das escolas da ocasião e alguns docentes dos cursos da época da criação. Todos eles docentes dos três colégios vinculados, na ativa ou já aposentados, totalizando 11 colaboradores de acordo com o Quadro 1:

Quadro 1. Colaboradores do estudo. Teresina (PI), Brasil, 2020

Nome	Função Exercida	Situação Atual
Anatália de Almeida Reis	Um dos primeiros docentes do CTF.	Professora aposentada do CTF.
Conceição de Maria Franco Sá Nascimento	Um dos primeiros docentes do CTT.	Professora do curso técnico de enfermagem do CTT.
Iracema Ferreira de Almeida Carvalho	Um dos primeiros docentes do CTF.	Professora aposentada do CTF.
Francisco de Assis Sinimbu Neto	Diretor do CTT na época da criação do curso em Teresina - PI e membro da comissão de criação do curso técnico de enfermagem do CTT.	Superintendente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico.
Keila Rejane Oliveira Gomes	Um dos primeiros docentes do CTF.	Professora aposentada do curso técnico de enfermagem do CTT.
Lígia Beatriz da Costa e Silva Ribeiro Santos	Primeira coordenadora do curso técnico de enfermagem do CTF.	Professora aposentada do curso técnico de enfermagem do CTF.
Maria Angélica Piauilino da Cruz	Primeira coordenadora do curso técnico de enfermagem e membro da comissão de criação do curso técnico de enfermagem do CTBJ.	Professora do Ensino Médio do CTBJ.
Maria Majaci Moura da Silva	Membro da comissão de criação do curso técnico de enfermagem do CTBJ.	Professora do Ensino Médio do CTT.
Martha Fonseca Soares Martins	Um dos primeiros docentes do CTT.	Professora do Curso técnico de enfermagem do CTF.
Raimundo Falcão Neto	Diretor do CTBJ na época da criação do curso em Bom Jesus – PI.	Diretor do CTBJ.
Rita Magalhães Mendonça	Primeira coordenadora do curso técnico de enfermagem e membro da comissão de criação do curso técnico de enfermagem do CTT.	Professora aposentada do curso técnico de enfermagem do CTT.

As entrevistas foram efetuadas utilizando-se um roteiro de entrevista semiestruturado, o qual permitiu que os colaboradores relatassem de forma livre as suas memórias, cujo foco seria as condições de

trabalho dos cursos técnicos em enfermagem da Universidade Federal do Piauí durante a sua criação. Posterior a essa etapa seguiu-se a transcrição dos depoimentos gravados. Os depoimentos foram gravados em aparelho celular iPhone modelo XS, e por tratar-se de relatos importantes foram passados em seguida para o computador, para que esses não fossem perdidos. Para a análise de dados de todo o material coletado nesse tipo de pesquisa foi necessário primeiro, a organização do mesmo. Realizou-se o mapeamento das entrevistas e das fontes documentais para observar e extrair a sequência cronológica de acontecimentos. A interface entre o produto das entrevistas e os registros documentais promoveu o entendimento de como esse contexto histórico foi determinante para a consolidação do curso técnico em enfermagem da UFPI. Salienta-se que os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) foi seguido. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí – UFPI, sendo aprovado através da CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 80596017.7.0000.5214. O projeto também foi avaliado e autorizado pela Superintendência do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da UFPI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O colégio agrícola de Floriano começou suas atividades antes de ser incorporado à própria Universidade Federal do Piauí. Inicialmente funcionavam dois cursos: agropecuária e enfermagem. Depois, alterou-se para Campus Amílcar Ferreira Sobral, com o curso técnico em enfermagem e o curso técnico em agropecuária. A parceria escola-universidade existia de maneira exitosa, pois as demandas, na medida do possível, quando solicitadas, eram atendidas. Os depoimentos afirmam que o CTF dispunha de estrutura física de salas de aula que atendiam a necessidade dos alunos, além de material com apostila.

Tinha uma estrutura boa, para época: salas amplas, carteiras novas e boas, quadro de giz. Além disso, eles ofereciam apostilas, o aluno não precisava comprar. Nós ministrávamos o conteúdo da apostila para todos os alunos. Preparávamos as aulas, entregávamos para a secretaria e eles datilografavam e em seguida faziam as apostilas. Era o que se tinha de melhor na época (C1).

Eu achava a estrutura do colégio agrícola boa, tinha o básico para se fazer aulas práticas. Por exemplo, quando eu ia para o hospital, com meus alunos que foram da disciplina Enfermagem em Centro Cirúrgico, já conhecia todo material, as técnicas cirúrgicas arrumávamos uma mesa e víamos na prática o que nós havíamos estudado na teoria. Então já tínhamos aquele preparo. Eu achava eficiente (C2).

Quando nós estávamos ministrando a aula de Introdução à Enfermagem, já no primeiro período, apresentávamos o hospital para os alunos. Trabalhávamos sempre concomitante a teoria com a prática (C3).

As salas de aula configuram-se em espaços fundamentais para o desenvolvimento das habilidades primordiais para a enfermagem, bem como também é um lugar onde a construção do conhecimento ocorre mediante às reflexões propostas pelos docentes. O ambiente de sala de aula deve ser adequado para favorecer que o aluno tenha experiências que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem. As falas revelam que, na época, existia a Biblioteca, e todo acervo bibliográfico solicitado para o curso técnico de enfermagem era atendido. Dentro da Universidade estruturou-se um posto de saúde, para atendimentos de saúde à população no CTF. O posto funcionava como um campo de estágio para os alunos; recebiam os medicamentos da UFPI. Posteriormente o posto de saúde foi cedido ao Governo do Estado, e os alunos não tiveram mais acesso a ele.

Nós tínhamos uma biblioteca, tudo que nós solicitávamos, era atendido. Por exemplo, eu montei um Posto de Saúde dentro da universidade, da escola. Era uma sala que nós transformamos e

adaptamos. Mas antes, quando estávamos em posse da administração desse Posto de Saúde, nós recebíamos até os medicamentos da UFPI, a universidade sempre fornecia (C2).

Em Floriano tem um posto de saúde que era naquela época, final dos anos 80 e início dos 90, administrado pelas próprias professoras. Então, nós tínhamos uma escala de atendimento da comunidade no posto. Quando as professoras estivessem em sala de aula ou inseridas em alguma tarefa que não fosse possível o atendimento, a coordenadora ia atender. Então, nós éramos responsáveis pelo atendimento no posto de saúde (C4).

A biblioteca e todo o investimento em acervos bibliográficos é outro quesito que merece destaque, em especial naquela época da criação dos cursos onde ainda não existiam computadores e internet disponíveis ao alunato. Portanto, ter uma biblioteca estruturada, como explicitada nas falas acima, propiciava aos discentes um espaço de pesquisa e estudos adequados para o momento. Uma dificuldade que se agravou com o tempo foi o campo de estágio. O hospital Tibério Nunes era o único campo de estágio existente na cidade, dificultando as práticas dos alunos. Uma das alternativas encontradas foi ofertar parte do estágio para esses alunos para Teresina, onde o acordo era feito por intermédio de um ofício, e a partir disto se determinavam quem eram as enfermeiras que ficariam encarregadas pelos alunos na capital, sob a responsabilidade da UFPI. Outra parte dos alunos faziam o estágio nas cidades do interior do Piauí, como Oeiras, Uruçuí e São Francisco.

Era um enorme trabalho distribuir esses alunos no campo de estágio. Por que no início, como o Colégio Agrícola de Floriano era o pioneiro no curso técnico de enfermagem, o hospital praticamente era disponível para nós, “reinávamos no hospital”. Nós tínhamos o hospital manhã, tarde e noite, se fosse necessário (C5).

No mês de julho, nas férias, nós mandávamos de dez a quinze alunos nossos para Teresina, de maneira que eles fizessem o estágio lá. Mandávamos um ofício direcionado à reitoria, em seguida ele fazia uma reunião com as enfermeiras da UFPI para delegar quais ficariam encarregadas de supervisionar os alunos no estágio, sob responsabilidade da Universidade Federal do Piauí. E como não era possível todo mundo ir, eu distribuía o restante dos alunos em algumas cidades mais próximas, como Oeiras, Uruçuí, São Francisco. Acho que somente nós fazíamos isso (C11).

Nós íamos para o hospital com os alunos, claro que naquela época o hospital era disponível para nossas aulas práticas, mas não dispunha de todo aparto que era necessário para o aprendizado ideal dos alunos (C2).

Eu entrava em contato com as enfermeiras de Teresina e elas assumiam a responsabilidade de ficar com esses alunos no estágio. Eles tinham que trazer por escrito, um relatório de tudo que eles aprenderam, as dificuldades, as sugestões de melhoria, e era muito interessante (C10).

O estágio é componente primordial para o aprendizado do aluno, parte imprescindível deste processo. “É o momento de em que o aluno tem aptidões teóricas, sendo capaz de discutir e intervir no seu campo de atuação profissional com a supervisão didática de outros profissionais.”(p.2). Sendo assim, durante essa prática no campo de estágio, ocorrem uma série de atividades que, se unem entre si e possibilitam ao discente adquirir experiências significativas de aprendizagens próprias. O objetivo dos Cursos técnicos de enfermagem é formar profissionais qualificados e capazes para um mercado de trabalho com muitas exigências, com um perfil profissional que seja de estudantes com passagens por campos de

estágio produtivos e com enriquecedoras experiências profissionais⁽¹³⁾. Ao tempo em que alguns entrevistados achavam que a estrutura correspondia às necessidades da época, outras falas revelam a insatisfação relacionada à estrutura física existente no início, como a ausência de auditório, de laboratórios, peças anatômicas e materiais de insumo para que as aulas práticas ocorressem a contento. As professoras improvisavam laboratórios nas próprias salas de aula, levando órgãos de animais para simular peças de laboratório. Posteriormente, a estrutura foi se adequando à imprescindibilidade gerada pela situação dos alunos em sala de aula.

Nós não tínhamos bons laboratórios. Então, por exemplo, se a gente precisava fazer uma esterilização com a autoclave, então a gente preparava todo o material para esterilização e levava para o hospital Tibério Nunes, para fazer a esterilização lá. Porque a gente só tinha a estufa. Se precisasse de outro tipo, tinha que levar para o Tibério Nunes (C4).

O próprio auditório, não existia na época, foi construído depois que saí. O laboratório de enfermagem também foi construído depois, mas ainda tive a oportunidade de desfrutá-lo, melhorando muito a qualidade da aula. Antes fazíamos a simulação ali entre nós, mas depois não, com o laboratório próprio, no primeiro ano o aluno fazia as práticas lá, e quando ia para o hospital Tibério Nunes, o aluno já possuía alguma experiência, e quando chegava no hospital o paciente não notava a insegurança do aluno porque ele já havia treinado (C1).

Ministrei também Anatomia, e na ocasião, nós levávamos para a sala de aula até peças vivas, como por exemplo: fígado de boi, coração de boi, porque peças humanas não tínhamos disponíveis. Dessa maneira dava para o aluno pelo menos ter algum tipo de experiência próxima da realidade. Infelizmente, os materiais de laboratório sempre foram escassos. Tinha a teoria e a prática, no sentido de que, a prática era realizada dentro da sala de aula. Foi assim até a construção dos laboratórios (C5).

Tendo em vista a necessidade dos laboratórios para a efetividade das aulas práticas do curso técnico de enfermagem, na década de 1990 o CTF passou por algumas reformas, incluindo a construção de um laboratório, fato que, na opinião dos colaboradores, contribuiu para a melhoria da qualidade da formação dos alunos.

Aí quando eu iniciei como coordenadora do curso técnico de enfermagem, nós começamos a adquirir peças anatômicas, esqueleto, fitas de vídeos que demonstravam as práticas de realização das técnicas... então tudo isso não deixou de ser um aprendizado, e os alunos se empolgavam e gostavam (C10).

O colégio na época passou por uma reformulação e reestruturação, tanto na parte física como na parte acadêmica estrutural, e foi onde a gente viu a necessidade de laboratórios, porque o que acontecia com determinadas disciplinas, por exemplo, Fundamentos de Enfermagem, Anatomia e Fisiologia, não tínhamos um laboratório, mas a gente fazia as atividades, e transformava a sala de aula em um laboratório (C4).

A estrutura não era precária não. Mas hoje está muito melhor. Eu acho que a estrutura física da escola foi sempre melhorando (C3).

Os laboratórios configuram-se espaços muito importantes para o desenvolvimento das atividades, pois lá ocorrem as aulas práticas e procedimentos de enfermagem; ele deve conter materiais e equipamentos de maneira que simulem o mais próximo possível de um campo de prática hospitalar. Em Teresina e em Bom Jesus, pelo fato de os cursos terem sido implementados mais recentemente, a estrutura de laboratório era satisfatória para o atendimento das demandas iniciais do curso, porém, com perspectivas de melhoria e ampliação dos espaços físicos e materiais, em especial dos próprios laboratórios. Os discursos revelam que, com o passar dos anos, tanto

o campo de estágio como os recintos de aulas teóricas e práticas na instituição aprimoraram-se.

Lá sempre foi assim, apesar da gente não contar muito com o apoio do laboratório de enfermagem do curso superior, mas o nosso laboratório é bem equipado, além disso, hoje a gente conta com o Hospital Universitário que abriu campo de estágio para o nosso curso (C6).

Eu ingressei com docente e já encontrei o curso em andamento, cheguei no segundo período, mas tudo à contento. Já todo bem estruturado, com as aulas teóricas, com o laboratório próprio e com os campos de estágio disponíveis na nossa rede hospitalar (C7).

A nossa infraestrutura com relação à sala de aula era insuficiente para implantar qualquer outro curso, o reitor já tinha um projeto pronto de salas de aula e esse projeto ele levou para Bom Jesus, e construiu. Aproveitamos um laboratório de topografia da época e adequamos para um laboratório de enfermagem (C8).

A gente tem um laboratório muito pequeno, mas a gente já tinha um laboratório adequado e também alguns bonecos, alguns materiais necessários para o início, salas de aulas. Mas a gente tinha tudo o que se precisava para esse primeiro momento (C9).

O CNCT (Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos) foi instituído pela Portaria MEC nº 870, de 16 de julho de 2008, baseado no Parecer CNE/CEB nº 11/2008 e na Resolução CNE/CEB nº 3/2008; é considerado um referencial para subsidiar o planejamento dos cursos e suas respectivas qualificações profissionais, como também especializações técnicas de nível médio. O Código Brasileiro de Ocupações do profissional Técnico de Enfermagem é 322205, sendo determinado, através do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, e diz que, para o seu funcionamento, a instituição mantenedora deve possuir, no mínimo, estrutura de: Biblioteca e videoteca com acervos atualizados da área da saúde, com acervo específico, atualizado e ambiente para pesquisa e estudo com acesso à internet; Laboratório de habilidades técnicas (LHT) de enfermagem com vistas a atender semiotécnica e semiologia e outros componentes curriculares Laboratório de informática com acesso à internet; e Laboratório de anatomia e fisiologia⁽¹⁴⁻¹⁵⁾. De acordo com os relatos, para a época, a estrutura que se dispunha para a realização das atividades com os alunos do curso técnico de enfermagem era suficiente para que os docentes desempenhassem de maneira eficaz suas atividades laborais. Em relação aos laboratórios de enfermagem, destacam-se como fundamentais para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, além do desenvolvimento das mais diversas competências que são requeridas para o exercício da enfermagem enquanto profissão. Este espaço deve ter como objetivo o ensino do cuidado de forma responsável, permitindo ao aluno experiências que priorizem a prática do cuidado de enfermagem, visando o comprometimento do futuro profissional com os indivíduos que serão assistido⁽¹⁶⁻¹⁸⁾. O desafio da articulação entre a teoria e a prática no ensino da enfermagem é pré-requisito fundamental para a atuação na prática clínica. A reflexão sobre o tipo de aprendizagem nesse espaço é indispensável, necessitando-se analisar o que pode e deve ser modificado⁽¹⁷⁻¹⁸⁾.

Além disso, evidencia-se a importância dos espaços adequados para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem; condições desfavoráveis podem influenciar negativamente nesse processo. Apesar de algumas deficiências supracitadas pelos colaboradores nas dependências estruturais das Escolas Técnicas da UFPI quando da implantação dos cursos técnicos de enfermagem, de maneira geral, a estrutura física se mostrou a contento para o prelúdio dos cursos. Na tabela 1, logo abaixo, encontram-se algumas informações atualizadas sobre a atual estrutura dos Cursos Técnicos de Enfermagem da UFPI, em seus respectivos Colégios Técnicos:

Tabela 1. Informações atualizadas sobre a estrutura dos cursos técnicos de enfermagem dos colégios técnicos da UFPI. Teresina (PI), Brasil, 2020

Estrutura	CTF	CTT	CTBJ
Turmas	2	2	2
Salas de aula	2	2	2
Laboratórios	1	1	1
Biblioteca	-	1	1
Alunos	67	52	55
Professores	9	8	5
Servidores técnicos- administrativos	2	1	3

Fonte:Coordenação dos cursos técnicos de enfermagem da UFPI

Considerações Finais: O trabalho da área da saúde, em particular o da enfermagem, é caracterizado por suas peculiaridades e especificidades, tendo em vista que é o profissional da área que mantém um contato direto com o paciente e por um período de tempo muitas vezes prolongado. Percebe-se que, em relação à estrutura física, apesar de satisfatórios na opinião da maioria dos colaboradores, ainda existe a necessidade de melhoria neste aspecto estrutural. O técnico de enfermagem dispensa os mais diversos tipos de cuidado aos indivíduos, para a prevenção, manutenção ou recuperação da saúde, carecendo, desta forma, estar devidamente qualificado para tal ofício. O estudo revelou que, no processo de criação e implementação dos cursos técnicos de enfermagem da UFPI, os mesmos dispunham de estrutura física de sala de aula, laboratórios, bem como campo de estágio suficientes para que as aulas acontecessem a contento. Condições de trabalho adequadas e eficientes são primordiais para que isso ocorra. Os recursos físicos e materiais para o início das aulas eram satisfatórios para a época, de acordo com os colaboradores da pesquisa. Os colégios dispunham de salas de aulas amplas, material com apostila disponível, bibliotecas com acervos bibliográficos para atender à demanda dos alunos. Porém, algumas limitações foram citadas: em relação ao campo de estágio, alguns alunos tinham que se deslocar da sua cidade para realizar estágio supervisionado em outros municípios; em relação a laboratórios, alguns eram improvisados, bem como foi apontada a ausência de peças anatômicas e inexistência de auditórios nas escolas, na ocasião da criação dos referidos cursos. Destaca-se também sobre a importância de instalações mínimas que atinjam satisfatoriamente aos requisitos para que os alunos tenham um ensino de qualidade. Laboratórios com equipamentos, biblioteca e acesso à internet, confirmam-se como itens básicos de acordo com a legislação vigente. Em se tratando da área da saúde, o campo de estágio adequado é um aspecto imprescindível para que os alunos aprendam na prática, sob a supervisão do professor, o que eles vivenciarão na futura profissão. O objetivo deste estudo foi descrever as condições de trabalho nos cursos técnicos de enfermagem vinculados à Universidade Federal do Piauí na época de sua criação. Os colégios técnicos referidos contam atualmente com uma boa estrutura de laboratórios de enfermagem para que seja alinhado teoria e prática, dessa forma, os docentes conseguem ofertar uma boa aula e o curso se desenvolve com o bom desempenho de seus discentes. A pesquisa não preenche todas as lacunas referente à temática, sendo necessário que um maior número de pesquisadores da área da enfermagem investigue a história para a compreensão do cenário atual em que se encontram. Porém, espera-se que este estudo traga à luz a reflexão dos profissionais de enfermagem, servindo como embasamento para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Ministério da Educação. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. 3ªed. Brasília, 2016.
- Brito FMM, Rozendo CA, Melo POC. Laboratório de enfermagem e a formação crítica de enfermeiros: aproximações e distanciamentos. *RevBrasEnferm.* 2018;71(suppl 4):1589-96.
- Carvalho CL. A importância da organização dos estágios curriculares na formação dos técnicos em enfermagem. *Rev. Saúd Dom Alber.* 2013;1(1): 1-13.
- Donoso MTV, Donoso MD. O cuidado e a enfermagem em um contexto histórico. *RevEnferm UFJF.* 2016;2(1):1-5.
- Kloh D, Reibnitz KS, Boehs AE, Wosny AM, Lima MM. Princípio da integralidade do cuidado nos projetos político-pedagógicos dos cursos de Enfermagem. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2014;22(4):693-700.
- Maffisoni AL, Sanes MS, Schneider F, Martini JG, Lino MM, Kempfer SS. Expressão das tendências pedagógicas em teses e dissertações de um laboratório de pesquisa e tecnologia em educação em enfermagem e saúde (1994-2017). *Cogitareenferm.* 2019;24:e62147.
- Meihs JCSB, Ribeiro SLS. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto; 2011.
- Meihs JCSB. Manual de História Oral. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola; 2005.
- Neiva MJLM, Nunes BMVT, Figueiredo JV, Carvalho AO. Scientific production of nursing in the perspective of oral history: an integrative review. *RevEnferm UFPI.* 2013;2(3):73-7.
- Oguisso T, Campos PFS, Moreira A. Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. *Enfermagem em foco.* 2011;2:68-72.
- Padilha MICS, Borensteins MS. História da enfermagem: ensino, pesquisa e interdisciplinaridade. *Escola Anna Nery RevEnferm.* 2006;10(3):532-6.
- Pimenta AL, Souza ML. Identidade profissional da Enfermagem nos textos publicados da REBEN. *Texto Contexto Enferm.* 2017;26(1):e4370015.
- Pinto MJS, Pintor FA, Detta FP. Condições de Trabalho que mais Impactam na Saúde dos Docentes de Enfermagem: Revisão Integrativa. *Enferm Foco.* 2017;8(3):51-55.
- Ribeiro JF, Costa JML, Silva MAC, Luz VLES, Veloso MV, Ribeiro ALI et al. *Revenferm UFPE online.* 2018; 12(2):291-302.
- Rocha JBB, Nogueira LT, Zeitoune RCG. Entre o prescrito e o real: (des)compasso entre ensino e prática do técnico de enfermagem. *Esc Anna Nery R Enferm.* 2005;9(2):237- 46.
- Sgarbi AKG, Missio L, Renovato RD, Hortelan MPSM. Enfermeiro docente no ensino técnico em enfermagem. *LaplageRev (Sorocaba).* 2018;4(1):254-273.
- Universidade Federal do Piauí (UFPI). Colégio Técnico de Bom Jesus. Projeto Pedagógico do Colégio Técnico de Bom Jesus. Bom Jesus – PI: UFPI, 2015
- Universidade Federal do Piauí (UFPI). Regimento Interno do Colégio Técnico de Floriano. Resolução no 156/19-CEPEX. 2019. 48 p.
